

ADEMIR NINIJA ZORÓ

**A INFÂNCIA INDÍGENA ZORÓ CONTADA POR
VELHOS/AS: UM EXERCÍCIO DE LEMBRANÇAS E
IMAGENS**

Dr. Genivaldo Frois Scaramuzza

Orientador

Ji-Paraná – RO, Junho de 2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL - DEINTER
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

Por:

ADEMIR NINIJA ZORÓ

**A INFÂNCIA INDÍGENA ZORÓ CONTADA POR
VELHOS/AS: UM EXERCÍCIO DE LEMBRANÇAS E
IMAGENS**

Monografia submetida ao Departamento de Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia - Campus de Ji-Paraná, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Educação Básica Intercultural.

Ji-Paraná - RO, Junho de 2016

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Crianças Brincando no Rio.....	07
Figura 02 – Pássaros Flechados.....	09
Figura 03 – Criança Imitando a Caça do Jacaré.....	19
Figura 04 – Criança Flechando Mamão.....	20
Figura 05 – Criança Segurando Dagapkit.....	20
Figura 06 – Criança Segurando Formiga Brava.....	21
Figura 07 – Frutinhas Nativas da Capoeira Dikangali kap.....	22
Figura 08 – Brincadeira de Balançar em Cipó.....	24

SIGLAS

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

AGRADECIMENTOS

*Quero agradecer ao meu povo Zoró em especial a liderança da minha aldeia,
Luiz Petap Zoró*

*Agradecer ao Professor orientador da monografia, Genivaldo Frois
Scaramuzza,*

Ao Prof. Dr. João Carlo Gomes,

A Profª. Ms. Edínea aparecida Isidoro,

A Profª Dra. Maria Lucia Cereda,

O Prof. Ms. Cristovão Teixeira Abrantes,

O Prof. Ms. Jose Joaci Barboza,

A ProfªDra. Josélia Gomes Neves,

A Profª. Ms. Luciana castro,

O Prof. Ms. Reginaldo Nunes,

A Profª. Ms. Vanubia Sampaio

Os alunos do intercultural.

*Ao curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade
Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná.*

SUMÁRIO

1 – Capítulo 01 – HISTÓRIAS E PALAVRAS INICIAIS.....	07
1.1 – Brincadeiras de infância.....	07
1.2 – Os primeiros momentos na escola.....	09
1.3 – Breve história do meu povo.....	10
1.4 – Considerações sobre os objetivos do estudo.....	14
1.5 – Aspectos metodológicos da pesquisa.....	15
2 – Capítulo 02 – NARRATIVAS DE VELHOS/AS SOBRE A INFÂNCIA.....	18
2.1 – Primeiras considerações a respeito das entrevistas.....	18
2.2 – Narrador: Zaptig Zoró.....	18
2.3 – Narrador Xibi Zoró.....	23
2.4 – Narradora: Peakit Zoró.....	25
2.5 – Narradora Xiwit kyj Zoro.....	27
3 – Capítulo 03 – CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ENTREVISTAS E PALAVRAS FINAIS.....	29
3.1 – As entrevistas.....	29
3.2 – Brincadeiras antigas.....	30
Referências	31

Capítulo 01 – HISTÓRIAS E PALAVRAS INICIAIS

1.6 – Brincadeiras de infâncias

Na época da minha infância eu gostava muito de brincar com meus amigos, eu andava, e brincava só com as crianças do meu tamanho. Entre as brincadeiras estava a imitação de casal. Juntava os grupos para brincarmos com as outras crianças do sexo feminino. Na época, nós fazíamos aviões de brinquedo com plantas de capoeira, com essa planta, nós fazíamos também carros de brinquedo para brincarmos.

Na época, nós gostávamos de brincar no rio e na cachoeira. Essa era a parte mais gostava de nossas brincadeiras.

Figura 01 – Crianças Brincando no Rio



Na minha infância eu brincava com canoa feita de babaçu. Nós pegávamos uma parte desse coqueiro que tinha o formato de uma canoa, essa parte cresce próximo aos cachos de babaçu, assim, plainávamos uma parte do capim da serra por onde escorregávamos em cima da canoa do babaçu. Lembro também que na época da minha infância, as brincadeiras era subir na planta da capoeira, ao subirmos, derrubávamos essa planta, uma ou duas crianças subia e um derrubava, nós gostávamos do tombo junto à planta.

Na época da minha infância, eu participava das festas tradicionais do meu povo Zoró. As festas era gujanej (espírito da água), zagapujej, (espírito do) essa festa era muito animada, por que todas as pessoas participavam dessa festa, como as crianças, jovens, e principalmente os mais velhos. Na preparação, antes de ir para a festa, tinha o lugar para eles prepararem todo o material da festa, esse lugar chamava-se bekã, nesse lugar, preparavam os materiais para usarem no dia da festa. Os pais das crianças faziam materiais para eles usarem, tais como cocares. Faziam as pinturas, pois nessa festa ninguém ficava sem a pintura corporal e sem objetos para usarem. Antes de ir, o cacique se reunia entre eles, e com as crianças também, dizia para não fazerem bagunçar na festa, e não ter briga.

As atividades que eu participava com meu pai na época, era principalmente a caçada, a pescaria, fazer roça e plantação, cada atividade que o meu pai faziam ele me ensinava. A parte mais difícil de aprender com ele era matar tatu de 15 quilos, pois na cultura Zoró, tem a forma correta para matar o tatu. Eu lembro que ele matava o tatu com fogo, água e formiga tanajura. Ele fazia materiais tradicionais para utilizar (peje pejea) feito de folha de babaçu novas, esse *peje pejea* era material para mandar a fumaça o mais fundo no buraco do tatu, (weja) feito de cipó. Esse weja é um tipo de armadilha tradicional para prender o tatu (panap), feito da casca da paxiúba, para colocar água dentro no buraco. A parte que eu gostava era caçar junto com meu pai, por que ele me deixava matar passarinhos, por isso eu gostava de ir caçar com ele na época.

Figura 02 – Pássaros Flechados

Na pescaria, eu participava com o meu pai na prática de bater timbó, gostava muito dessa pescaria, principalmente de bater timbó, por que era muito bom para matar os peixinhos com flecha (manbuxã). Antes de ir para a pescaria com timbó, meu pai fazia as flechas de manbuxã para eu levar. A Parte que eu não gostava muito era trabalhar na roça, por que tinha que ficar trabalhando no sol quente.

1.2 – Os primeiros momentos na escola

Eu me lembro do meu início na escola. Essa escola chamava-se Zawã kej alakit e foi construída no ano 1989 como a primeira escola indígena na aldeia Zoró, e foi nessa escola eu comecei a estudar. Na época era o professor Warantã Zoró que ensinava a língua materna. Ele me alfabetizou e com ele eu aprendi a alfabeto panyjej, ele era um bom professor, ele não brigava com seus alunos. Ficamos por pouco tempo nessa aldeia. Após, meu pai decidiu mudar para outra aldeia, ou seja, a aldeia central (Bubyrej). A escola dessa aldeia era a Zawyt Wãwã, lá comecei a estudar com outro professor indígena, que era o Francisco Embusã Zoró, foi com esse professor que eu aprendi a escrever e produzir pequenos textos. Depois foi chamando a professora não indígena por nome Virginia, os dois trabalhavam juntos, por que ninguém falava

a língua portuguesa. Esses dois professores era muito bom, não brigavam conosco. A professora permaneceu muito tempo trabalhando nessa escola e posteriormente vieram duas outras professoras não indígenas para trabalharem na escola, era a Rosangela e a Vanuza. Elas ficaram pouco tempo trabalhando e foram embora, permanecendo apenas o Francisco Embusã Zoró trabalhando essa escola.

No ano 1999 surgiu a escola na aldeia Ipewyrej que chamava-se Escola Municipal Zawyt Wãwã anexo II, na época o professor indígena Marcelo X Zoró era o responsável pela escola. Nessa aldeia eu cresci, conclui o quinto ano do ensino fundamental. Em 2002 foi inaugurada a escola polo na aldeia Zawakarej Panyjeje, a escola era diferenciada porque utilizava principalmente a língua materna. Na época trabalhavam indígenas e não indígenas, conclui meu ensino médio nessa escola.

Em 2010 fiz a prova do vestibular na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) campus de Ji-paraná. Iniciei a aula no ano de 2011 no curso de Licenciatura Educação Básica Intercultural. Foi muito importante fazer esse curso, estudamos várias culturas indígenas. No curso eu escolhi a área de Educação Intercultural no Ensino Fundamental e Gestão Escolar, motivo que me levou a pesquisar a infância Zoró.

1.3 – Breve história do meu povo

A História do meu povo contada pelos mais velhos, principalmente sobre o surgimento do povo, narra que antigamente muitos povos estavam presos dentro de uma pedra. Quem tentava abrir nessa pedra era as araras, papagaio, e vários periquitos, no entanto quem conseguiu cortar e abrir essa pedra foram os perequitinhos. Saíram vários povos, índios, negros, brancos. Ainda estavam saindo quando uma mulher grávida tentou sair e grudou no buraco da pedra. O buraco virou uma pedra, ficando a metade dos povos presos. Cada grupo saía e anunciava seu nome. O meu povo saiu por nome de Panyjeje.

Na época só tinha os povos indígenas como: Gavião, Arara, Suruí, índio borboleta e nós Zoró. Na época os não indígenas tiravam a seringa na beira do rio Branco. Nós Zoró morávamos na aldeia que se chamava wasakāj abea ej, na época nós Zoro eramos nômades.

Nós Zoró e Gavião não brigávamos na época, quando em uma situação aconteceu a morte do um filho de um Zoró, depois da morte do filho, o pai que se chamava Bat pit Zoró com muita raiva queria matar o rapaz que se chamava Dipe da etnia Gavião. Esse rapaz morava dentro da nossa aldeia, foi assim que começou uma briga entre nós povos indígenas. Depois disso, nós ficávamos com medo deles e de outras etnias.

Segundo relatos do sabedor Pepuj Zoro ao relatar sobre as histórias do contato, lembrou-se de situações de conflitos: Os conflitos entre os Gavião e Zoro iniciaram quando um indígena Zoró matou um filho do não indígena que morava na época no território do povo Gavião, e o homem não indígena que chamava, Xiwiko, ele combinava com os Gavião para matarem o povo da etnia Zoró.

Depois da morte do filho (Bat pit) do Zoró, resolvemos construir uma outra aldeia em um espaço longe da aldeia wasakāj abea ej. Essa saída foi necessária, pois sabíamos que nesta aldeia, haveria muitos conflitos, depois da morte do rapaz, haja vista que os Gavião conhecia o caminho que levava até a aldeia wasakāj abea ej.

Esse conflito entre as duas etnias ocorria aproximadamente uma vez por ano. Segundo o relato do Pepuj Zoro um dia pela manhã, aproximadamente às 6 horas, o homem não indígena juntamente os Gavião atiraram contra as malocas do Povo Zoró, matando apenas criações, tais como porco do mato. Depois disso, houve outro retorno, e atiraram com metralhadora, atiraram contra as malocas.

Depois dessas duas tentativas dos Gavião contra o nosso povo Zoró resolvemos ir atrás deles, ou seja, dos Gavião e do não indígena para fazer guerra. Adentramo-nos nas terras dos Gavião já em território de Rondônia, cabeceira do rio que chamando bulip kirej xi pois sabíamos que iríamos encontrar os Gavião.

Lá encontramos uma casa, e nela estava um não indígena e um Gavião junto a alguns cachorros. O Gavião kiryt sabia que nós iríamos atrás deles, ele percebeu pelo canto do pássaro da coruja e fugiu de madrugada, pois sabia que iríamos chegar pela manhã. Ao chegar no local, nós fizemos um cerco em volta da casa, encontramos apenas o não indígena, quando ele saiu para fora da casa nós lançamos a flecha contra o não indígena. O cachorro fugiu, ele correu para outra aldeia que chama Igarapé Lorde, e o povo percebeu com a chegada do cachorro que o não indígena tinha sido morto pelos Zoró naquele mesmo dia. Depois do ocorrido os Gavião resolveram ir até o local onde o não indígena estava morando para verificar se ele tinha realmente morrido, o que de fato havia acontecido com o não indígena. Chegando lá eles viram o corpo do não indígena todo flechado.

No segundo contato/conflito os Zoró matou esse homem que combinava com os Gavião para matar os Zoró. Depois da morte dele, os Gavião não fizeram mais guerra como o nosso povo, isso porque este homem orientava todos os Gavião de que os Zoró era seus inimigos. E as brigas eram influenciadas pela presença do não indígena.

Depois da morte do homem xiwiko nós Zoró atravessamos o Rio Branco localizado no Estado de Mato Grosso e fomos morar em uma aldeia que já era formada que se chama bubyrej (aldeia central) onde morava a população Zoró. Ficamos algum tempo nesta aldeia, tentamos voltar a antiga aldeia, e viram uma picada¹ não indígenas, quando voltamos novamente para a aldeia central para avisar da existência de uma estrada não indígena. Nestas circunstâncias os Zoró foram verificar a situação e perceberam que os não indígenas já estavam fazendo roças, com a presença de peões. Houve tentativas de fazer com que os invasores fossem embora, o que não se confirmou, situação que impeliu um ataque aos invasores com a morte de uma pessoa, assim, amedrontados, eles foram embora.

Quando voltamos para ver novamente, já tinha feito outra roça, já tinha feito pista de pouso de avião, não tinha mais lugar para irmos, refletimos novamente, situação em que o cacique Piajup disse: antes de irmos embora vou gritar. Ao dar seu grito os não indígenas vieram, momento em que fugimos

¹ Caminho aberto no meio do mato geralmente feito com foices e fações.

com medo, o gripe era apenas um gesto para mostrar que nós estávamos ali. Voltamos para a aldeia para avisar os caciques, na época eram três caciques que se chamavam, Piajup, Zawyt, Alakit, esses três caciques eram grandes guerreiros que comandam o povo.

A história mostra que na época os caciques avisaram os seus familiares para encontrar os brancos, na época nós morávamos em famílias. Depois refletimos, saímos da aldeia central, para ir ao encontro dos brancos, gastamos dois dias para chegar no rio Branco. Quando já era quatro horas da manhã, perguntaram entre eles quem havia sonhado com coisas ruins, isso porque quando ia acontecer algo estranho, um sonho ruim significa que ia acontecerá uma briga entre nós. Foram seis da manhã na beira do rio, quem gritou primeiro foi o Piajup, e disse: papaaai, papaaai, não Surui taj kit (nós não somos Susuí) e os brancos responderam. Neste momento nós vimos muitos brancos vindo ao nosso encontro e trouxeram muitas coisas: como panelas, facas e facão, roupas e boné e outras coisas.

Entregou também produtos de alimentação como: açúcar, biscoitos, e nós não comemos, jogamos fora o que eles deram, pensávamos que era veneno. Nós tiramos as roupas deles e passávamos urucum nas faces deles. Eles levaram um de indígena para a casa deles, ainda levou os índios para voar com avião, e voltaram para Ji-Parana, o restante voltou para a aldeia central. Em seguida vieram o pessoal da FUNAI morar em nossa aldeia, eles levaram também outros indígenas com eles como: etnia Surui, e Cinta Larga, e Gavião.

Depois disso, nunca aconteceu mais uma guerra entre nós povos indígenas e não indígenas. Hoje nós somos parentes. As histórias anteriormente narradas mostram como aconteceu o contato do povo Zoró.

Depois do contato, muitas coisas mudaram, entre essas mudanças se destacam a vivência do meu povo Zoró. Antes, todos viviam tradicionalmente, hoje, porém, a cultura não indígena está misturando a cultura indígena, ou seja, o meu povo usa muitos objetos e tecnologia não indígenas na aldeia. Mudaram também os modelos de suas moradias que de uma forma tradicional passaram para modelos de não índios, substituindo assim, os objetos tradicionais indígenas.

As tecnologias não indígenas possibilitaram uma rapidez no desenvolvimento dos serviços na aldeia, como por exemplo, o uso do motor serra que agilizou o tempo de produção da roça, outro exemplo é o uso de armas de fogo que possibilitou matar de forma rápida os animais de caça. Hoje os povos indígenas seguem grande parte da cultura e costumes não indígenas, como, alimentação, linguagem, e vestimentas. As meninas usam produtos como, maquiagem e batom, e outros objetos. Hoje os jovens gostam de assistir televisão, as crianças gostam de brincar com videogames, e outras brincadeiras não indígenas.

A escola surgiu em várias aldeias dos povos indígenas do Brasil. Eu penso que a escola é o lugar para aprender e escrever na língua materna, bem como na língua portuguesa. A escola possibilita as condições para conversarmos tanto com os não indígenas como também com outros povos indígenas. A escola possibilita o contato com o conhecimento dos brancos e de outros povos indígenas. Hoje em dia a escola leva a pessoa para vivenciar o futuro.

1.4 – Considerações sobre os objetivos do estudo

Como foi possível observar, registrei acima parte de minha história enquanto criança, falei também das várias brincadeiras que fazíamos antigamente. Registrei fragmentos da história do povo Zoró, ou seja, alguns fatos que aconteceram durante o processo de contato. Assim, vou falar brevemente dos objetivos da pesquisa. Entre os objetivos do estudo, destaco que tenho a intenção de fazer com que as leituras desse material instiguem as crianças a ouvirem os mais velhos contando a respeito do passado que eles vivenciaram. Possibilitar condições para que os alunos conheçam a história da infância do seu povo junto com mais velho. Ouvir os mais velhos falando de suas infâncias de forma a compor um relatório de estudo. Assim abordarei em seguida alguns aspectos da metodologia que possibilitou a pesquisa.

1.5 – Aspectos Metodológicos da Pesquisa

Muitas das questões apresentadas nessa pesquisa fazem parte de minha vivência e dos conhecimentos que fui construindo junto ao meu povo Zoró. Assim, ao levantar a possibilidade de conhecer mais a respeito da infância Zoró, principalmente as memórias de mais velhos sobre como eram as vivências no passado, é pertinente fazer uma reflexão sobre a memória. O texto *A pesquisa em Memória Social* da autora Ecléa Bose nos ajuda a compreender esse processo.

E muito interessante conhecer como funciona a memória do ser humano, mas a memória e a quilo nos fazer lembranças. Desde criança, a memória da pessoa grava o tempo vivido, como: atividades práticas brincadeiras, assim, a memória da criança trabalha muito bem as coisas da história de vida. A memória do adulto trabalha bem, lembrando bem, pensamos bem. Também serve quando nós estamos em dúvida para lembrar, como, atividade e os trabalhos que fazemos durante o tempo vivido individualmente. A memória também é esclarecedora na hora de entender algumas coisas que exige lembrar e recordar a história de vida dos momentos do passado e presente. A memória deixar abrir o caminho para enfrentar os problemas pessoais até o futuro.

Conforme destaca Bosi (1993) “A memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 1993, p. 281), ou seja, cada povo uma cultura deferente com características deferentes, costumes deferente, por isso é muito interessante trabalhar o tempo vivido, porque renova o tempo passado. Assim, considerando o tema da memória sobre a infância vivenciada pelos mais velhos, é possível dizer que essa importância se deve ao fato de que,

A comunidade familiar, ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrado (BOSI, 1993, p. 281).

A autora afirma, também que cada sociedade vivencia diferentemente suas lembranças, assim, cada povo indígena e não indígena vivenciam diferente seu mundo, mas a memória social trabalha igualmente, pensamos, lembramos, aprendemos muitas coisas. Só a vivência é completamente diferente do outros.

Outro autor, Antonio Roberto Xavier em seu texto *A importância da história oral como fonte identitária de um povo* fala sobre a história no contexto das décadas de 1929 e de 1969 como objeto de pesquisa múltiplas e de histórias variadas. Ao longo do tempo, a história não era escrita, era somente pelo contado, pela oralidade do historiador mais experiência de dispunha das fontes orais. Cada povo tem sua oralidade com base na memória como fonte para comunicar, ou seja, na minha cultura a forma de comunicação era somente as fontes orais fundamentadas na tradição como símbolo. Na década (1970) a história oral expandiu nos meio de acadêmico como instrumento de pesquisa.

Hoje em dia, a história oral utiliza a memória e a transforma em fonte escrita transcrita do pelo historiador. Outros documentos colaboram para a afirmação da oralidade, tais como os registros históricos escritos e não escritos. Utilizamos também a história oral como fonte para o trabalho do historiador, sua abordagem de pesquisa, para buscar entender a indagação do historiador, no caso da pesquisa apresentada, para responder como se constituía a infância Zoró antigamente. Assim, podemos destacar que,

A história oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas o resgata como sujeito num processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo (XAVIER, 2015, p. 02).

Outra contribuição imposte é do texto *Fontes orais: Testemunhos, Trajetórias de Vida e História* de Santos (2015). O autor fala a respeito da trajetória de vida e história, ou seja, abordando principalmente elementos do filme *Pequeno Grande Homem* de 1970. O filme conta a história de Jack Crabb

um homem americano que passa seus últimos dias em um asilo para velhos e contou a sua história de vida, tudo o que ele vivenciou a vida. Crabb recebeu a visita do historiador, que ficou interessado em conhecer o passado da sua vida. Ele foi adotado por um índio velho sem filho. Crabb disse que sua família foi exterminada por violentos indígenas, órfão e com apenas uma irmã, foi adotada por um indígena.

O autor mostra a importância da memória e da construção histórica da narrativa para recompor histórias do passado, fazendo entendermos a constituição do presente. Assim é interessante dizer que “quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiências para fugirem do esquecimento” (SANTOS, 2015, p. 02). Considerando a importância da memória para a recomposição de fatos do passado, apresento algumas narrativas de indígenas Zoró a respeito da infância e de suas vivências, o que nos permite perceber como era a infância do meu povo.

Capítulo 02 – NARRATIVAS DE VELHOS/AS SOBRE A INFÂNCIA

2.1 – Primeiras considerações a respeito das entrevistas

A proposta deste capítulo é mostrar brevemente algumas entrevistas que eu realizei com moradores/as da comunidade. Durante o ano de 2015 eu entrevistei quatro pessoas, sendo dois homens e duas mulheres. Essas pessoas são consideradas sabedores e sabedoras indígenas Zoró, portanto são respeitadas por suas histórias de vidas que contribuem para sustentar a identidade Zoró. Abaixo, registro integralmente as narrativas desses/as colaboradores/as que permitem compreender a forma como elas e elas vivenciaram suas infâncias constituindo no presente, um exercício de memória e de imagens. Para diferenciar do restante do texto, essas narrativas foram formatadas em itálico.

2.2 - Narrador: Zaptig Zoró

Na época da minha infância, a vivência das crianças era com muitas brincadeiras. Nós gostávamos de brincar quando estávamos tomando banho quando criança, nós não parávamos em casa, comia enquanto estávamos brincando. As crianças buscavam a comida em casa para comer no local de brincadeira. Alguns dias nós comemos em casa.

As brincadeiras que nós fazíamos era retirar a folha de pinho cuiabano, jogava as folhas para cima para que as formigas tanajura saíssem do formigueiro. Nós imitávamos os adultos que também jogavam as folhas para cima para pegar as formigas que serviam de alimentos.

No rio, nós brincávamos muitas vezes por dia, brincava imitando que estávamos caçando jacarés, para isso amarrávamos um dos colegas e o colocava no barranco, imitávamos que puxava o colega para fora da água, fingíamos que matava ele, depois fazíamos o gesto de tirar a barrigada com o dedo.

Figura 03 – Criança Imitando a Caça do Jacaré



Outra brincadeira que fazíamos era imitar a caça do Porcão. Os mais velhos falava para nós:

___Cuidado com o espírito da água, porque ele pode machucar a alma de vocês. Às vezes acontece de dar febre, quem tirava essa febre era o pajé. É mais perigoso brincar no rio era no dia da festa do gujanej². O pajé avisava as

² Na história tradicional do povo Zoró, Gujanej é o espírito das águas.

crianças para não brincarem no rio na época da festa. O pajé era muito respeitado na época, por que só ele entendia ou via os espíritos.

As demais crianças brincavam como nós, fazíamos imitações das caças, fazíamos casas no local que brincávamos. As mulheres cozinhavam em casa. Nós homens gostávamos muito de atirar com a flecha e acertar o mamão, o mamão era amarrado com cipó e alguém puxava e atirava.

Figura 04 – Criança Flechando Mamão



Com dagapkit nós brincávamos muito também de flecha feita de folha nova de babaçu.

Figura 05 – Criança Segurando Dagapkit



Essa flecha e feita para a prática de brincar e treinar os meninos. Na época ninguém brigava com ninguém. Nós banhávamos de madrugada, os mais velhos acordavam duas horas da manhã, para irem banhar de madrugada. O rio e o fogo propiciava que as crianças crescessem, e também ficassem forte e bom caçador. Eu era muito leve para correr no mato, Tamanduá não corria de mim, como eu era rápido eu conseguia matar ele.

O meu pai já me queimou com cipó na época, o cipó era para a gente crescer. Também os mais velhos passavam remédio tradicional líquido do gengibre nos olhos da gente, isso era para que pudéssemos mirar bem, ainda bebemos o líquido. Passavam ervas em mim, passavam também as formigas bravas na minha mão.

Figura 06 – Criança Segurando Formiga Brava



Esses remédios serviam para que nós pudéssemos matar os bichos, como animais e aves. Sempre os mais velhos acordavam para ensinar as crianças para ficarem educadas, algumas pessoas não queriam ouvir os ensinamentos de madrugada, assim cresciam sem a educação e estragavam a vivência das outras. Os mais velhos não deixavam dormir de manhã, o meu tio que já está falecido, cortava as cordas das redes do seus filhos, por que eles

dormiram de manhã, eu sou um deles educado, por isso eu ainda estou vivo, quem não e bejej³ morre logo.

As histórias que o meu pai e os mais velhos contaram era muitas história que aconteciam antigamente. Contavam a história do Gurá (Deus). Contava que ele transformava os animais. Os animais eram os seres humanos. Também ele transformou o seu amigo que chamava Bixagap, ele cortou uma árvore lisa e a transformou em seu amigo. Esse amigo ficava junto com ele e faziam muitas coisas. Ele também buscou dia e noite de outro senhor que chamava Gerepti, o dono da noite, ele dormia direto, antigamente não tinha dia para dormir, os olhos das crianças explodiam porque elas queriam dormir.

Antes de ir embora, Gurá transformava o canto dos pássaros e dos insetos em aviso, caso acontecesse alguma coisa. Quando aconteciam algumas coisas, esses pássaros e insetos cantavam.

Outras histórias que os mais velhos contavam era do Xumgyp. Ele era criado pela onça e também transformava os animais.

Os dois eram grandes amigos. O já falecido Segip Zoro e Xipiabá Zoro, com quem eu cresci, eram grandes amigo meu, junto nós fazíamos construções das casas quando brincávamos. Matava muitos pássaros na tocaia, os pássaros comia dikangali kap frutinha da roça.

Figura 07 – Frutinhas Nativas da Capoeira Dikangali kap



³ É uma pessoa que banha direto, assim ele é uma pessoa trabalhadora, um com caçador, um bom pescador, é um bom guerreiro.

A gente treinava a caça. Quando nós íamos acampar no mato, matava muitos pássaros do mato. De manhã, os pássaros cantavam, e eu esperava eles na tocaia, chamava eles, e matava muitos com flechinha. A falecida minha mãe não comia os pássaros, ela ficava com raiva de mim, por que os pássaros possuíam um cheiro ruim para ela, assim, eu matava para mim mesmo.

Na minha visão, as crianças de hoje vivem diferentes de antigamente. Nós não vivíamos como hoje. A infância de hoje é diferente, eu acho que as crianças estão seguindo a vivência dos não indígenas. Por que as crianças de hoje em dia pensam em estudar, ninguém interessa pelos artesanatos, nem as meninas fazem os cestos e paneiros. Antigamente eles observavam os seus pais. Isso mudou na minha visão. As crianças não ligam, quando as crianças brincam no dia-dia, o papel da criança é desse jeito. Assim aconteceu durante a minha infância.

2.3 – Narrador Xibi Zoró

Durante a minha infância, nós brincávamos muito de flechas, e flechinha de folha de babaçu. Acertávamos com as folhas seca, e também o salawap, brincando e treinando. Até matávamos os pássaros da roça e do mato, a gente andava na trilha, matava os pássaros, fazíamos a tocaia para matar os passarinhos, o meu pai fazia flechinha de pena na época.

Nós brincávamos muito na chuva. Quando chovia forte, corria na chuva, principalmente no rio, a gente brincava muito no rio de ir e voltar. Os mais velhos avisavam para as crianças se cuidarem, às vezes deva febre.

Nós brincávamos também com cipó, chamando wup tapua, brincávamos no mato, principalmente quando nós achávamos o cipó bem longo e firme, cortava o pé do cipó para que pudéssemos balançar. Limpávamos o local onde nós brincávamos.

Figura 08 – Brincadeira de Balançar em Cipó



Brincávamos de imitar um casal juntos com as meninas. Fazíamos a imitação de caça. Na brincadeira, deixávamos as mulheres em casa e fingíamos que ia para roça, na volta trazíamos a caça simbolizada por folhas. A vida das crianças era brincando mesmo. O meu pai me acordava com o primeiro canto do galo, nessa hora os mais velhos acordavam e começavam a ensinar seus filhos, essas falas duravam até o amanhecer. Falavam para as crianças ficarem educadas, não fazerem bagunça poderem gostar das pessoas, não ficarem com raiva das pessoas, diziam para viverem bem e lembrarem das palavras seu pai.

Até hoje eu me lembro das palavras do meu pai. A fala dos anciãos para as crianças mais faladas era para as mesmas irem se banhar, para ficarem forte, para não sentir o peso e derrubar as árvores grandes e duras como ipê. Quem banha continuamente na madrugada, consegue ver o resultado. Não fazemos (pambeje) banhar de dia, só na madrugada e principalmente na época de friagem.

Com meu pai, com meu avô e meu tio aprendi muitas coisas, eu caçava juntos com eles, primeiramente o meu pai me deixou acertar o Porcão já baleado com flechas. Ele ensinava a melhor forma de movimentar o corpo para flechar, e principalmente lugar onde acertar para o bicho morrer. Com eles aprendi a imitar os animais e as aves.

Os mais velhos contavam muitas histórias, varias histórias para nós. A história do Gurá e Bixagap, sobre a origem dos animais que era como gente, em algumas situações eles se transformavam em gente e em outras eles se transformavam em animais, até que se transformaram apenas em animais. Contava também a história do Neku petyj, essa história fala sobre a transformação dos animais. Era contada as histórias de Ikuldi gavião, casada com a urubu, Tutu sereia, Pajé bom, e muitas outras história.

Hoje na minha visão, a infância das crianças é vivencia deferentemente de antigamente. Nós não vivíamos assim, brincávamos de outra forma, hoje as crianças não fazem a tocaia para matar os passarinhos, eles ficam só parados. Não tem as flechinha feitas de pedaço babaçu (saliap), pelo jeito vocês e as crianças estão seguindo a cultura não indígena, hoje as crianças gostam muito de jogar bola, não no mato. Foi assim a minha infância durante o meu tempo.

2.4 - Narradora: Peakit Zoró

Na época da minha infância eu brincava muito de fazer artesanatos junto com minha amigas. Nós mulheres fazíamos artesanatos e levávamos para o pátio os cestos velhos e paneiros, para aprender as formas dos traços. Imitávamos que estávamos fazedor o beiju no chão com areia. Realizávamos treinos práticos em casa para fazer o beiju, socávamos o milho com pilão, depois jogávamos o pó encima da pedra para transformamos o beiju. Quem me ensinou a fazer a trança de cesto e paneiro e a esteira tradicional para mulher sentar, foi a filha da minha prima que foi morta pelo tribo Gavião.

Junto com os meninos nós brincávamos também, entre essas brincadeiras estava a de imitar um casal. Os meninos faziam imitação de caça e trazia a caça para a casa para nós cozinarmos. A noite, na lua clara,

brincava, cantava e dançava a música da lua, dançava em roda, juntos com os meninos, fazíamos também a imitação de danças de instrumentos de flautas (gujanej) e imitava o pajé. A Música da lua era:

Gati kat ka te pypyp

Dançar com a lua cheia

Diga ka te pypyp

Fazer a tocaia com a alua cheia...

Outras músicas que cantávamos era a do iririnap que dizia assim:

Amapit atini ne embarej anga ungaj kia

A família do rapaz não quer que eu namore com ele

Ama embaraga...

Esse rapaz não é seu

Ebu bat anga iririn

Aquele rapaz é meu

Ebu ikulu akyt anga

Esse rapaz é um bom caçador de gavião Real

Ebu alime akyt anga iririn, iririn.

Esse rapaz é um bom caçador de macaco

No rio nós brincávamos muito só entre nós mulher, a brincadeira era pega-pega. Eu gostava de fazer rede, desde criança eu faço a rede e também eu gostava muito de transformar a linha de algodão, porém minha mãe escondia o algodão de mim e quem me dava o algodão era minha tia falecida.

Eu trançava a rede com pequenos cipós chamado wanja kiagip tapua, um dia eu vou mostrar para as crianças de hoje como eu fazia a trança com

cipó. Trançava a rede de cabeça para baixo. As duas amigas minhas, Suriwa Zoro e Xibuwet Zoro que era um pouco maior que eu me ensinou a fazer outro tipo de pequenos paneiros feitos de palhas verdes. Quando eu cresci, o meu pai não me deixou mais brincar. O meu pai me acordava com o primeiro canto do galo, depois falava vários ensinamentos dos mais velhos. Depois da fala ele dizia com a mulher: pode sentar e descaçar, e com o menino dizia: vai se banhar (embeje). O meu pai não deixava que eu acordasse atrasada.

À noite nós ficávamos dando rizada, e cantava a música de paixão, e outro instrumento que chamava iririnap. O meu pai traziam o material para fazer o instrumento. Um dos instrumentos dos meninos era kuxirap, os meninos tocavam com esse instrumento e ficávamos com saudades. A música que os meninos cantavam era:

Ungali até pupit pusaranpi karebea...

Deixa eu ir namorar com a filha da minha irmã

Unbanga emapita nali udaradara...

Eu poderia casar com sua filha?

Antigamente nós não namorávamos tão cedo hoje as crianças namoram cedo. Não pensamos nos meninos na época. Os meninos fizeram igualmente.

Nós namorávamos só depois de demonstrar que já tínhamos aprendido todas as atividades. A minha vó falecida bem velhinha, contava muitas histórias para nós. Sentávamos envolta dela para ouvir o que ela contava, que era as história do Tutu sereia, aj,aj ti sapo, abelha, gavião, gura e bixagap, neku petyj, e outro mais.

Hoje as crianças na minha visão a vivência das crianças não é igual antigamente, hoje a vivência da infância é diferente. Elas brincam de outra forma. Depois do contato, a vivência das crianças misturou, principalmente as brincadeiras. Hoje as crianças gostam de assistir o televisor, e brincando com brinquedos não indígenas, nós não brincávamos dessa forma, hoje os meninos não fazem as flechas como saliap, e dagap kit hoje.

Assim foi a minha trajetória de vida.

2.5 - Narrador Xiwit kyj Zoro

Durante a minha infância, nós brincávamos juntos com os meninos, a vida da criança é brincando mesmo. Eu lembro que nós brincávamos de noite na lua cheia, juntos com os meninos, dançava em fileira. A música era gati kate pyp, pyp, dançando.

Na época nós banhávamos de madrugada, seguindo com os meninos, falavam para nós ficarmos fortes, isso era a cultura e costume do nossa passado. Quando os mais velhos passavam o remédio tradicional, gengibre nos olhos, e no corpo dos meninos, nós mulheres passávamos também, por que os velhos falavam que se não passássemos o gengibre, os meninos ficariam fracos, por isso eles passavam também em nós.

Nós brincávamos juntos com os meninos, também seguia o que eles faziam, menos na flecha. Isso e só para os meninos. De outra forma, fazíamos juntos com eles. Imitávamos um casal. Além do tempo nós morreremos deixando vocês.

Pelo que eu estou vendo, as crianças de hoje, não estão fazendo as brincadeiras de antigamente, estão brincado de outra forma. Parece que as crianças estão seguindo a vivência dos não índios, usando os brinquedos e objetos que não são os nossos. Foi assim a vivencia do meu tempo

CAPÍTULO 03 – CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ENTREVISTAS E PALAVRAS FINAIS

3.1 – As entrevistas

Primeiramente eu fiz as entrevistas com duas pessoas mais velhas que moram na aldeia chamada Serrinha (duanjurej). Perguntei para o senhor Zap tig Zoro para ele falar um pouco sobre o seu tempo ou a sua infância. Ele contou brevemente e eu perguntei algumas coisas que ele não havia falado.

A senhora Xiwit kyj Zoro não queria falar da infância dela, ela falava apenas que não lembrava e que tinha esqueci, mesmo assim, ela contou muito brevemente. Fui muito bom a entrevista com os dois sabedores.

No outro dia eu fiz um outra entrevista com os mais dois sabedores na minha aldeia, era o senhor Tibi Zoro e a senhora Peakit Zoro. Essas pessoas contaram o que ocorreu durante o tempo de suas infâncias. Foi muito bom a entrevista onde eles falaram a respeito de suas infâncias.

E muito importante trabalhar essa tema na escola, porque as crianças de hoje não sabem as brincadeiras de antigamente, nem a história do seu povo. Por isso ter que registrar as histórias do povo, para trabalhar nas escolas indígenas. Entre os destaques feitos pelos sabedores e sabedoras algumas situações me chamou a atenção, principalmente as brincadeiras antigas.

3.2 – Brincadeiras Antigas

Uma dessas brincadeiras era tomar banho no rio, situação em que se brincava de pega-pega. Sobre isso foi possível verificar as seguintes afirmações:

Nós gostávamos de brincar quando estávamos tomando banho quando criança, nós não parávamos em casa, comia enquanto estávamos brincando. As crianças buscavam a comida em casa para comer no local de brincadeira. Alguns dias nós comemos em casa (Entrevista com Zaptig Zoró, 2015)

Quando chovia forte, corria na chuva, principalmente no rio, a gente brincava muito no rio de ir e voltar. Os mais velhos avisavam para as crianças se cuidarem, às vezes deva febre (Entrevista com Xibi Zoró, 2015).

No rio nós brincávamos muito só entre nós mulher, a brincadeira era pega-pega (Entrevista com Peakit Zoró, 2015)

Essa brincadeira no rio da forma como acontecia antigamente não é mais vista com frequência na aldeia. Embora eles brinquem pulando, não tem muitas imitações de caça e situações que aludiam ao cotidiano. Outras brincadeiras que eles faziam era flechar mamão como foi destacado pelo narrador Zaptig Zoró ao falar que “*Nós homens gostávamos muito de atirar com a flecha e acertar o mamão, o mamão era amarrado com cipó e alguém puxava e atirava*”.

Outra brincadeira que os mais velhos faziam era a de imitar um casal e reproduzir a vida da comunidade. Entre as falas que destacam isso estão as seguintes:

Brincávamos de imitar um casal juntos com as meninas. Fazíamos a imitação de caça. Na brincadeira, deixávamos as mulheres em casa e fingíamos que ia para roça, na volta trazíamos a caça simbolizada por folhas. A vida das crianças era brincando mesmo (Entrevista com Xibi Zoró, 2015).

Junto com os meninos nós brincávamos também, entre essas brincadeiras estava a de imitar um casal. Os meninos faziam imitação de caça e trazia a caça para a casa para nós cozinharos (Entrevista com Peakit Zoró, 2015).

Imitávamos um casal (Entrevista com Xiwit kyj Zoro, 2015).

Outras brincadeiras que eram realizadas e que ainda estão presentes nos dias de hoje é brincar de balanço no cipó, como mostra Xibi Zoró ao dizer que “*Nós brincávamos também com cipó, chamando wup tapua, brincávamos no mato, principalmente quando nós achávamos o cipó bem longo e firme, cortava o pé do cipó para que pudéssemos balançar*”. Muitas outras brincadeiras eram e ainda são realizadas, porém muitas mudanças ocorreram como é possível observar nas falas dos narradores e das narradoras. Essas mudanças foram motivadas pela chegada das tecnologias não indígenas e também das brincadeiras dos não índios como futebol, carrinho, bonecas, imitações de guerras com imitações de armas de fogo feitas de madeiras que encontram na televisão um forte incentivo. O trabalho de conhecer como eram as brincadeiras é importante, principalmente porque possibilita a presença da memória como um instrumento que nos ajuda a pensar a escola.

Referências

BOSI, Acléa. A pesquisa em Memória Social. **Revista Psicologia USP**. n. 4 (1/2), p. 277-284, 1993.

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. **Fontes Oraís: testemunho, trajetórias de vida e história**. Departamento de História: UFPA, 2015.

XAVIER, Antônio Roberto. **A importância da história como fonte identitária de um povo.** 2015. Disponível em: <http://www.historiaoral.com.br/noticias/A%20import%20ncia%20da%20Hist%3ria%20Oral%20como%20fonte%20identit%20ria%20de%20um%20povo.pdf> Acessado em Dezembro de 2015.